

Homo vitiis et virtutibus: Uma análise comparativa da recepção da biografia de Cícero por Plutarco e Leonardo Bruni

Záira Caroline Dutra Carreiro (UFJF)

<https://orcid.org/0009-0006-9229-9995>

Anderson M. R. Alves (UCP)

<https://orcid.org/0000-0003-2878-8752>

Resumo:

Plutarco (Queroneia, 46-120 d.C.) e Bruni (Arezzo, 1370-1444 d.C.) se dedicaram à narrativa biográfica heroica, que tinha a função de educar o leitor a partir da vida de figuras ilustres. Ambos escreveram, dentre outras, a vida de Cícero, apresentando, porém, pontos de vistas distintos. Plutarco narra as virtudes de Cícero e dá ênfase a aspectos duvidosos de sua vida e aos seus vícios. Bruni narra os mesmos aspectos, contudo justifica as fraquezas do orador, dando como motivo para elas o amor de Cícero à República Romana e à sua “infallível” ética. Apresentamos o percurso da narrativa biográfica na Antiguidade e na Idade Média e mostramos, através de excertos das obras *Vidas Paralelas* – de Plutarco – e *Cicero Novus* – de Leonardo Bruni – como o relato da vida de Cícero foi recebido e reproduzido, mantendo uma função didática. Para alcançar o objetivo apresentamos textos de teóricos da estética da recepção, tais como Anastasia Bakogianni, Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss.

Palavras-chave: Cícero; Biografia; Plutarco; Leonardo Bruni; Literatura romana.

Abstract:

Homo vitiis et virtutibus: A comparative analysis of the reception of Cicero's biography by Plutarch and Leonardo Bruni

Plutarch (Chaeronea, 46-120 AD) and Bruni (Arezzo, 1370-1444 AD) dedicated themselves to heroic biographical narrative, which had the function

* Mestre em letras (UFJF); Especialista em língua portuguesa (UCP); Graduada em letras (UCP). Professora de língua portuguesa na rede municipal e privada de Petrópolis e de língua latina no Instituto Teológico Franciscano (ITF). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0902064162589659>. E-mail: zairacaroline@yahoo.com.br

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Università della Santa Croce, Roma. Professor adjunto do curso de graduação em Filosofia e do Programa de pós-graduação em Educação, na Universidade Católica de Petrópolis. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2401843549894209>. E-mail: amralves_filo@yahoo.com.br

of educating the reader based on the lives of illustrious figures. Both wrote, among others, the life of Cicero, presenting, however, different points of view. Plutarch narrates Cicero's virtues and emphasizes dubious aspects of his life and his vices. Bruni narrates the same aspects. Nevertheless, He justifies the orator's weaknesses, giving Cicero's love for the Roman Republic and his "infallible" ethics as a reason for them. In this way, we present the course of the biographical narrative in Antiquity and the Middle Ages and show, through excerpts from the works *Parallel lives* – by Plutarch – and *Cicero Novus* – by Leonardo Bruni – how the account of Cicero's life was received and reproduced, maintaining a didactic function. In order to achieve the objective, we submit texts by theorists of aesthetics reception, such as Anastasia Bakogianni, Wolfgang Iser and Hans Robert Jauss.

Keywords: Cicero; Biography; Plutarch; Leonardo Bruni; Roman literature

Narrativa biográfica heroica antiga e medieval: Plutarco e Bruni

Desde o seu surgimento, a biografia, do grego *βιογραφία* (de *βίος* - *bíos*, vida e *γράφειν* - *gráphein*, escrever) é um gênero associado à história, visto que é tão antiga quanto a história como disciplina (LIMA FILHO, 1994). É fato que a narrativa biográfica contribui com o conhecimento histórico, pois aponta para a relação do indivíduo com a sociedade, ou seja, entre o público e o privado. A biografia, como domínio da história, confunde-se, especialmente na Antiguidade, facilmente com a literatura. De fato, a biografia é uma espécie de domínio mais perene que o registro histórico, pois o fascínio das vidas humanas acompanha os homens e os estudiosos de todas as épocas.

O gênero biográfico é muito antigo, remonta à Grécia do século V a.C. Segundo Momigliano (1993), não há evidências da sua existência no período anterior ao século V a.C., devido à falta de documentação. A produção biográfica tinha como objetivo propalar as experiências vividas a partir da história dos grandes homens. Esses registros eram feitos em vasos, nas comédias,

nos dramas e nos relatos de viagens. Constitui um *tópos* frequente nos textos literários.

Entretanto, o desenvolvimento do gênero biográfico ocorreu com Plutarco (Queroineia, 46 – 120 d.C), que passou a se dedicar à biografia comparada, ou biodoxografia, conhecida forma de narrar vidas paralelas (BARROS, 2004). Ele criou, assim, um compromisso da literatura com a história a partir da biografia. O objetivo das biografias de Plutarco é inteiramente didático. Visava à formação moral do leitor e recordava as grandes figuras da história a partir de suas virtudes e vícios, de forma que o texto funcionasse como um espelho que reflete os heróis, como guias a serem contemplados: “a ressurreição literária dos heróis costumava animar o interior do filósofo, esta é uma descoberta de Plutarco que marca uma era e dá à história e ao passado um significado mais profundo”¹ (SIRINELLI, 2000, p. 310).

1 “la réssurrection littéraire des héros servant à animer le for intérieur du philosophe, c’est une découverte de Plutarque qui marque une époque et donne à l’histoire et au passé un autre sens, plus profond”.

Tendo o eixo de sua escrita nos homens e não nos fatos que os envolvem, o método sintético de Plutarco buscava revelar o *êthos* das personagens. Os episódios narrados eram acessórios e serviam para orientar o leitor moralmente. Com efeito, Plutarco, em *Vidas Paralelas: Alexandre e Julio César* (*Plut. Alex. 1. 1-3*), define o propósito da sua obra com as seguintes palavras:

É a vida de Alexandre, o rei, e de César, que derrubou Pompeu, que estou escrevendo neste livro, e a multidão de atos a serem tratados é tão grande que não farei outro prefácio a não ser implorar aos meus leitores, caso eu não fale de todas as ações famosas desses homens, nem mesmo fale exaustivamente em cada caso particular, mas em epítome na maior parte, para não reclamar. Pois não são Histórias que estou escrevendo, mas Vidas; e nos feitos mais ilustres nem sempre há uma manifestação de virtude ou vício, não, uma coisa ligeira como uma frase ou um gracejo muitas vezes faz uma revelação maior do caráter do que batalhas onde milhares caem, ou os maiores armamentos, ou cercos de cidades. Consequentemente, assim como os pintores obtêm as semelhanças em seus retratos a partir do rosto e da expressão dos olhos, onde o personagem se mostra, mas dão muito pouca importância às outras partes do corpo, então devo ter permissão para dedicar-me antes aos sinais da alma nos homens, e por meio deles retratar a vida de cada um, deixando aos outros a descrição de suas grandes competências².

2 τὸν Ἀλεξάνδρου τοῦ βασιλέως βίον καὶ τοῦ Καίσαρος, ὑφ' οὗ κατελύθη Πομπηῖος, ἐν τούτῳ τῷ βιβλίῳ γράφοντες, διὰ τὸ πλῆθος τῶν ὑποκειμένων πράξεων οὐδὲν ἄλλο προερούμεν ἢ παραιτησόμεθα τοὺς ἀναγινώσκοντας, ἐὰν μὴ πάντα μηδὲ καθ' ἕκαστον ἐξειργασμένως τι τῶν περιβοήτων ἀπαγγέλλωμεν, ἀλλὰ ἐπιτέμνοντες τὰ πλεῖστα, μὴ συκοφαντεῖν. οὔτε γὰρ ἱστορίας γράφομεν, ἀλλὰ βίους, οὔτε ταῖς ἐπιφανεστάταις πράξεσι πάντως ἔνεστι δῆλωσις ἀρετῆς ἢ κακίας, ἀλλὰ πρᾶγμα βραχὺ πολλάκις καὶ ῥῆμα καὶ αἱ παιδιὰ τις ἔμφρασιν ἦθους ἐποίησε μᾶλλον ἢ μάχαι μυριόνηκροι καὶ παρατάξεις αἱ μέγισται καὶ ἰπολιορκία πόλεων, ὥσπερ οὖν οἱ ζωγράφοι τὰς ὁμοιότητας ἀπὸ τοῦ προσώπου καὶ τῶν περὶ τ

Leonardo Bruni (Arezzo, 1370 – 1444), assim como Plutarco, era historiador e a sua escrita biográfica tinha o mesmo objetivo da de Plutarco: a partir da vida de grandes personagens da história ele valorizava a história nacional. A escrita biográfica, para Plutarco, era uma fonte espontânea de proveito e de prazer, como ele bem relata na introdução da *Vida de Timoleón* (*Plut. Tim. 0.1*):

Comecei a escrever minhas 'Vidas' para o bem dos outros, mas acho que estou continuando o trabalho e me deleitando com ele agora também para meu próprio bem, usando a história como um espelho e me empenhando de maneira a modelar e adornar minha vida em conformidade com as virtudes nele descritas³.

Bruni se tornou conhecido na Itália medieval por suas cuidadosas traduções dos clássicos gregos, como Platão e Aristóteles, para o latim, e por narrativas da história de Florença e a do povo florentino. Sua *práxis* historiográfica é reconhecida por críticos de todo o mundo, devido à sua crença de que o ofício do historiador consiste no questionamento crítico das autoridades, não importando quão eminentes fossem. Em sua obra, fica clara a filiação metodológica com a historiografia antiga e por isso Edmund Fryde (1983, p. 15) diz que Bruni foi “o primeiro historiador humanista a ser claramente influenciado pelos historiadores gregos [...] uma investigação cuidadosa das evidências confiáveis constitui signo claro de sua fami-

ἦν ὄψιν εἰδῶν, οἷς ἐμφαίνεται τὸ ἦθος, ἀναλαμβάνουσιν, ἐλάχιστα τῶν λοιπῶν μερῶν φροντίζοντες, οὕτως ἡμῖν δοτέον εἰς τὰ τῆς ψυχῆς σημεῖα μᾶλλον ἐνδύεσθαι καὶ διὰ τούτων εἰδοποιεῖν τὸν ἐκάστου βίον, ἐάσαντας ἑτέροις τὰ μεγέθη καὶ τοὺς ἀγῶνας.

3 ἐμοὶ τῆς τῶν βίων ἄψασθαι μὲν γραφῆς συνέβη δι' ἑτέρους, ἐπιμένειν δὲ καὶ φιλοχωρεῖν ἤδη καὶ δι' ἑμαυτόν, ὥσπερ ἐν ἐσόπτρῳ τῇ ἱστορίᾳ πειρώμενον ἀμῶς γέ πως κοσμεῖν καὶ ἀφομοιοῦν πρὸς τὰς ἐκείνων ἀρετὰς τὸν βίον.

liaridade com as recém-descobertas histórias de Tucídides e de Políbio⁴”.

Leonardo Bruni compôs as suas biografias cerca de 1300 anos após Plutarco e se dedicou também à narrativa biográfica heroica. Durante a Idade Média, a história e a biografia sofreram um distanciamento entre si, devido ao foco dado ao indivíduo, não às suas especificidades, mas à sua relação com a coletividade. Desta forma, surgiram as hagiografias – a escrita da vida dos santos – e as biografias cavaleirescas.

Contudo, como afirma Dosse (2009, p. 155), houve ampliação desse processo nos séculos XV e XVI. A escrita biográfica veio a se afastar das “biografias cavaleirescas e das hagiografias para consagrar-se à paixão pelas biografias antigas. [...] a escrita mantida entre a exemplaridade moral e a anedota singular tornar-se-á o modelo constitutivo do gênero biográfico nos tempos modernos”.

Ao praticar a narrativa biográfica heroica, Bruni, assim como Plutarco, deu ênfase à primazia do *êthos*⁵, em nome da autenticidade da escrita.

Apresentou os feitos públicos de figuras como Petrarca e Boccaccio, e aspectos de suas vidas domésticas, como é o caso da biografia de Dante. Nessa obra, ele enfatiza a sua caligrafia, a sua fala lenta e o seu asseio. Tanto Plutarco como Bruni, historiadores e escritores de vidas, tinham como objetivo transmitir um conjunto de valores que todo herói da Hélade possuía e devia ser refletido em todos os seus leitores. A frugalidade, a simplicidade, a honestidade, a diligência, a temperança, o autodomínio, a coragem, a integridade, a justiça, o amor à pátria e à liberdade, a indulgência são exemplos das virtudes dos heróis (FERREIRA, 2003, 7).

Denis Feeney, em *Criticism Ancient and Modern*, enfatiza a posição de classicistas que defendem a prevalência da teoria literária antiga sobre a teoria moderna, a fim de manter a “fidelidade histórica” e estabelecer uniformidade crítica. Desta forma, os textos antigos devem ser analisados a partir das teorias de críticos que viveram também na Antiguidade clássica, pois, para esses classicistas, tais teorias são as únicas consideradas confiáveis. Assim, “não apenas a crítica literária é um suplemento útil ao aparato crítico do erudito moderno, mas é o único aparato que o erudito moderno pode usar para fins poéticos, uma atividade definida pelo contexto histórico e cultural”⁶ (FEENEY, 1995, p. 301).

Malcolm Heath é um dos que defendem o uso da crítica antiga na análise dos textos antigos. Ele afirma que “o antigo testemunho é a nossa única chave interpretativa legítima”⁷ (HEATH apud FEENEY, 1995, p.

4 “the first humanist historian to be clearly influenced by Greek historians [...] a careful investigation of the reliable evidence is a clear sign of his familiarity with the newly discovered histories of Thucydides and Polybius”. Tradução nossa. “Tucídides demonstra compromisso não somente com a verdade dos fatos, mas com a cronologia deles, com uma relação de causa e efeito distanciada da interpretação mítica do mundo. [...] Políbio escreve suas histórias de modo objetivo e preocupado com a relação de causa e efeito em contexto mais amplo que os seus antecessores. A contribuição polibiana para a historiografia amplifica-se na crítica que faz a outros historiadores” (SILVA; SILVA, 2017, p. 17-18).

5 “Esta retórica do *êthos*, que põe em relevo a força expressiva, a ênfase, do apotegma, do adágio, do provérbio, da sentença, em que se interpenetram concisão e propriedade, teve um papel preponderante na reflexão crítica da arte da palavra no Renascimento, designadamente na pedagogia de Erasmo, que exerceu marcada influência, entre nós, em pedagogos e mestres de retórica [...]” (SOARES, 2011, p. 47).

6 “not merely that ancient literary criticism is a useful supplement to the critical apparatus of the modern scholar, but the ancient literary criticism is in effect the only apparatus which the modern scholar may use for the purpose of poetic activity defined as a historical and cultural context”.

7 “ancient testimony is our sole legitimate interpretative key”.

301). Esse é um ponto de vista compartilhado por muitos estudiosos da Antiguidade clássica.

Se pensarmos nas biografias de Cícero a partir da afirmação de Heath, dar-se-ia a Plutarco o favoritismo literário, uma vez que ele compôs a sua obra relativamente poucos anos após a morte do orador romano. Ainda que a perspectiva biográfica de Plutarco tenha sido composta na Antiguidade e seja a mais famosa e utilizada hoje, a obra de Bruni também deve ser considerada pela crítica, pois traz novas possibilidades para a análise literária do texto biográfico, contrastando com a obra de Plutarco. De fato, tanto o grego como o aretino tiveram motivações distintas para vislumbrarem a vida de Cícero e grafá-la da maneira como lhes parecia mais conveniente, de acordo com os seus próprios objetivos e com o momento histórico em que viviam.

A vida de Cícero: motivações de Plutarco e Bruni

Plutarco é sempre admirável, principalmente quando contempla as ações humanas [...] pois em suas comparações (que são a peça mais admirável de suas obras, e com que, a meu ver, ele tanto se deleitou), a fidelidade e a sinceridade de seus julgamentos igualam sua profundidade e seu peso. Plutarco é um filósofo que nos ensina a virtude (MONTAIGNE, 2010, p. 269).

Com essas palavras, Montaigne, que considerava o biógrafo grego o seu escritor preferido e modelo a ser seguido, define o cerne da escrita biográfica de Plutarco. Montaigne se refere à fidelidade histórica e à sua pretensão de gerar um efeito imitativo em seus leitores. De fato, a composição das *Vitae* de Plutarco trabalha a questão da identidade e a do contato cultural como realidades complementares, sintetizando assim o legado

grego e o romano, de forma a constituir uma única cultura.

As *Bioi παράλληλοι* (*Bioi paralleloi*), de Plutarco, traz vinte e três pares de biografias de homens ilustres. Os pares apresentam sempre uma figura histórica grega e uma romana. A escolha dos protagonistas foi bem pensada por Plutarco, que levou em conta a sua admiração pessoal por eles e o contexto histórico da sua época. Por isso, não se pode afirmar que haja por trás de tais parâmetros um interesse exclusivamente historiográfico. Aurélio Perez Jiménez (apud PINHEIRO, 2013, p. 21), nesse sentido, diz:

[...] a eleição dos heróis se move no terreno do acaso e dos gostos pessoais, mas, muitas vezes, na admiração geral nessa época pela história de outro tempo como um depósito dos mais altos valores que no presente e nas fontes, em alguns casos, impõem tanto o assunto como a forma de abordá-lo⁸.

A eleição dos heróis constitui um círculo temático moralizante⁹. Como afirma

8 “[...] la elección de los héroes se mueve en el terreno de lo fortuito y de los gustos personales o, más a menudo, en el de la admiración general, en esa época, por la historia de otro tiempo como depositaria de más altos valores que el presente y en el de fuentes que, en algunos casos, le imponen tanto el tema como el modo de enforcarlo”.

9 “Já por si, a biografia inscreve-se num género literário marcado por uma natureza ambígua, entre a história e a ficção novelesca. Da história recebe a facticidade, da ficção aquilo que Aristóteles, na Poética, considera ser peculiar do discurso poético — o seu grau de universalidade. Esse, possui-o a História em grau muito inferior: ao narrar o particular, segundo o Estagirita, deixa lugar à Poesia para ser ‘mais filosófica’. Assim, a biografia adequa-se a um fim didático e moralizante. Recorre ao factual da vida de figuras que, potencialmente, pode ser modelado de modo a converter o destino dessas figuras em exemplum, positivo ou negativo, para o leitor, mas marcado por um processo de universalização, análogo ao da *poiesis*. Assim transmite, retoricamente, convicções de fundo sobre história, vida política, padrões éticos, de quem escreve a biografia para o receptor pressuposto na escrita” (FIALHO, 2014, p. 3).

Joaquim Pinheiro (2013, p. 25), a conceituação das vidas discriminadas por Plutarco contribuirá para a contextualização da *paideia*¹⁰ de Plutarco, que buscou, através da educação e da cultura, uma experiência moralizante tanto para si como para os seus leitores. Na citação a seguir, pode-se ter uma apreciação mais direta dos temas desenvolvidos por Plutarco e das personagens escolhidas como guias do percurso:

De um modo geral, todas estas Vidas têm, à semelhança de outras, um sentido moralizante. Contudo, uma análise mais cuidada permite diferenciar alguns grupos temáticos: um par mítico-lendário (Theseus – Romulus); um par formado por aqueles que a tradição consagrou como os mais insígnos oradores das suas culturas (Demosthenes – Cícero); um par de traidores (Cariolanus – Alcibiades), em que a *paideia* e a *mimesis* se constrói pela negativa; um par de ‘estrangeiros’ e desterrados (Sertorius – Eumedes); um par em que se realça a virtude no exercício da vida pública (Aristides – Cato Maior); dois pares marcados pelo filo-helenismo dos romanos (Philopoemen – Flamininus e Pelopidas – Marcellus) e, por fim, a escolha do par Alexandre – Julius Caesar, que se impõe, sobretudo, pelo significado ímpar que as duas personagens desempenham na Antiguidade (PINHEIRO, 2013, p. 21-22).

Entre os indivíduos que compõem os pares, há semelhanças e aproximações, seja pelo papel que desempenharam em suas sociedades ou por suas características pessoais. Este é o caso do par Demóstenes e Cícero. Marta Várzeas (2012, p. 10), na in-

10 “Na *pólis* do século IV a.C. o conceito de *paideia* supera a vinculação limitada à instrução da criança. Trata-se de uma reflexão sobre a formação do homem para a vida racional na *pólis*. Aplica-se à vida adulta, à formação e à cultura, à sociedade e ao universo espiritual da condição humana. A construção histórica deste mundo da cultura atinge o seu apogeu no momento em que chega à ideia consciente de educação” (JAEGER, 1986, p. 244).

trodução de *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*, destaca que Demóstenes, grego que viveu no século IV a.C., possuía uma capacidade oratória que constituiu uma importante expressão intelectual em Atenas. De fato, ele é um nome da política e da cultura gregas. Os seus textos serviram para a formação retórica de muitos estudantes e permitiram a imitação do seu estilo nas gerações posteriores. O próprio Cícero considerava-o o mais nobre dos oradores e modelo de prática oratória. Tendo-o como paradigma, Cícero – romano que viveu no século I a.C., um dos principais nomes do cenário político e filosófico romano, além de portador da mais sofisticada *eloquentia* – aprimorou a sua *práxis*, chegando a ser considerado o maior orador de todos os tempos.

Contudo, não era a qualidade oratória de ambos, ou seus escritos, reconhecidamente ricos de retórica e de estilo, que despertou o interesse de Plutarco, mas sim a sua finalidade moral. Foi isso que o levou a compor, a partir dos feitos destes dois homens, dado que “nos feitos mais ilustres nem sempre há uma manifestação de virtude ou vício, não, uma coisa ligeira como uma frase ou um gracejo muitas vezes faz uma revelação maior do caráter do que batalhas onde milhares caem, ou os maiores armamentos, ou cercos de cidades¹¹ (*Plut. Alex.* 1, 2). Assim, na introdução da obra, Plutarco expõe a sua motivação:

sobre Demóstenes e Cícero, examinarei em confronto o caráter e as disposições de alma de ambos a partir das ações e da vida pública de cada um, mas renunciarei a comparar os seus discursos e a dar opinião sobre qual dos dois é mais agradável ou mais hábil a falar.

11 οὔτε ταῖς ἐπιφανεστάταις πράξεσι πάντως ἔνεσσι δὴ λωσις ἀρετῆς ἢ κακίας, ἀλλὰ πρᾶγμα βραχὺ πολλᾶκις καὶ ῥῆμα καὶ παιδιὰ τις ἔμφρασιν ἦθος ἐποίησε μᾶλλον ἢ μάχαι μυριόνεκροι καὶ παρᾶ τάξεις αἱ μέγισται καὶ πολιορκίαι πόλεων.

Já o aretino Leonardo Bruni, como bem afirma Fryde, compôs suas biografias, dentre elas o *Cícero Novus*, como uma tentativa de historiografia e de desenvolvimento intelectual. Ele classificou a escrita da vida de Cícero como o marco da origem da historiografia humanista italiana. Como historiador, Bruni foi o primeiro a usar a visão de três períodos da história: Idade Antiga, Média e Moderna, sendo considerado então o primeiro historiador “moderno”. Seu relato da história da república e do povo florentino rendeu-lhe a honra da cidadania florentina.

Em Florença, durante o Humanismo, o estudo da língua grega prosperou. A cidade recebeu então uma considerável quantidade de escritos originais de Plutarco a Arno. A obra de Plutarco foi vinculada ao ensino do grego e à formação do educador. Neste período, os escritos de Plutarco foram amplamente traduzidos na Europa.

Bruni, como leitor ávido dos textos antigos, leu toda a obra de Plutarco no idioma original e a tradução ao latim de *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*, feita por Iacopo Angeli da Scarperia, entre 1400 e 1401. Ele concluiu que a tradução de Scaperia era imprecisa e o tradutor *non satis eruditum* (TAKADA, 1998, p. 150). Assim, o aretino decidiu realizar uma nova tradução a partir do grego que fosse digna não só do biógrafo que a compôs, mas também dos indivíduos retratados na obra.

Ao traduzir a vida de Cícero, Bruni compreendeu que a maneira como ela fora narrada ficava aquém da grandiosidade da pessoa e das obras de Cícero. Ele chegou ao parecer de que Plutarco teria se servido da figura de Cícero para compará-lo com Demóstenes. Por isso, Bruni acusou Plutarco de imparcialidade, visto que o historiador grego buscava dar mais ênfase aos vícios do orador romano do que às suas virtudes, tor-

nando, assim, Demóstenes mais grandioso, devido às suas virtudes.

Na reescrita da vida de Cícero, Bruni mesclou o juízo crítico com a preocupação pela virtuosidade da latinidade ao teor factual da obra, representando algo único. Uniu o prazer estético à construção de um efeito ordenado sensível e intelectualmente, de modo que o leitor pudesse interagir com os personagens da obra. A este respeito Jauss (1979, p. 65) diz que

a experiência estética não se esgota em um ver cognoscitivo (aistheses) e em um reconhecimento perceptivo (anamneses): o espectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (Katharsis).

Destarte, em 1413, Bruni elabora uma vida de Cícero totalmente nova, chamada precisamente de *Cícero novus*, considerada a primeira biografia “moderna” de Cícero. Em sua obra, o aretino dá enfoque à origem nobre de Cícero, o que, segundo Bruni, foi apresentado a partir de insinuações maliciosas por Plutarco, que ridicularizara o nome do orador romano, além de aspectos da sua trajetória política e filosófica (IANZITI, 1988 apud PIRES, 2007, p. 97).

O exílio de Cícero foi também um dos acontecimentos que Bruni se opôs. Segundo ele, na narração de Plutarco o fato é excessivamente dramatizado, de forma que Cícero, que, em várias de suas obras, aconselhou a prática da virtude como forma de superação dos conflitos, aparece entregue ao vício da vaidade, decorrente do abalo da sua vida pública. Para Bruni, todo o “drama” plutarqueano é desnecessário, pois a atitude aflita e angustiante de Cícero foi graças à sorte da república e da sua pátria. Mesmo tendo lido

a obra do orador romano, inclusive as posteriores ao exílio, a base principal da escrita de Bruni foi a narrativa de Plutarco, cuja influência é clara.

Nessas biografias a imagem do político foi composta a partir de uma avaliação particular, fundada na interação entre o texto e o leitor. Isso produz uma visão *sui generis*, pois a experiência do personagem passa a ser preenchida pela consideração do leitor; nesse caso, do biógrafo, que altera o modo como Cícero é visto e interpretado. Há informações que não são dadas no texto, os chamados “vazios”, que regulam a relação interpessoal e que são preenchidos através de uma hermenêutica. Desse modo, “o texto é um sistema de tais combinações e assim deve haver também um lugar dentro do sistema para aquele a quem cabe realizar a combinação. Este lugar é dado pelos vazios no texto, que assim se oferecem para a ocupação pelo leitor” (ISER, 1979, p. 91).

A vida de Cícero: a recepção por Plutarco e Bruni em *Vidas paralelas* e *Cícero novus*

Bruni, como leitor de Cícero e de Plutarco, fundiu elementos da experiência estética antiga com os de sua própria época, através da interpretação. Como afirma Silva (2014, p. 4):

a hermenêutica literária tem a tarefa de dar compreensão às obras do passado, reconstruindo o horizonte original. Por esse método, as três etapas são assim entendidas: o horizonte progressivo (compreensão) da experiência estética, que reconstitui a apreensão do texto através da leitura; o horizonte retrospectivo da compreensão interpretativa (interpretação), com a função de esclarecer detalhes, elucidar conjecturas e procurar sentidos; e leitura reconstrutiva (aplicação), conhecimento histórico, que localiza o texto

na época, as mudanças por que passou e que provocou e o modo como foi assimilado no decorrer do tempo

A recepção é a formulação do significado pelo leitor através da interpretação. Assim, não há um texto estático e por isso há certa liberdade interpretativa. Os biógrafos, de fato, podem valorizar os aspectos que desejam, sejam eles vícios ou virtudes. Na obra de Bruni, todos os atos duvidosos de Cícero são justificados por sua ética e pelo seu patriotismo. Os pormenores apresentados por Plutarco “maliciosamente” são revestidos com uma roupagem mais digna. Plutarco, por sua vez, valoriza a postura e a atuação política do arpino, ressaltando as suas falhas de caráter, como a covardia, a autopiedade e a vaidade. A coragem de Cícero é, segundo Bruni, uma característica essencial para a composição de sua vida. Por isso, ele preza por elaborar os seus relatos apontando informações que retratem a virtude da fortaleza.

No relato do desfecho da defesa de Sexto Rócio, feita por Cícero, contra o ditador Sila, mesmo o orador tendo vencido e alcançado a fama, ele é retratado por Plutarco como um covarde que teme a represália e se retira para Atenas. Cícero justifica esse afastamento por motivo de saúde: para se dedicar à filosofia e retornar após a morte do déspota. Diz Plutarco (*Cic.* 3, 4-5. 4, 2):

Temendo Sila, ele fez uma viagem para a Grécia, depois de espalhar um relatório de que sua saúde precisava de atenção. Pois, de fato, ele era magro e magro e, devido a uma fraqueza do estômago, dificilmente conseguia comer um pouco de comida leve no final do dia; sua voz, entretanto, era cheia e forte, mas áspera e não modulada, e como, devido à veemência e paixão de sua oratória, era sempre forçada a tons mais altos, isso deixava os homens apreensivos por sua saúde [...]. Mas Cícero amava os sistemas que Antíoco descar-

*tou e se dedicou bastante a eles, propondo, no caso de ele ser totalmente expulso da carreira pública, mudar sua casa para Atenas, longe do fórum e dos negócios do Estado, e passar sua vida na busca silenciosa da filosofia*¹².

Ao relatar o desfecho do acontecido, Plutarco enfatiza o vício e a covardia de Cícero, ressaltando que a debilidade física do orador provinha do medo avassalador que ele tinha do ditador romano. Sendo assim, Plutarco afirma que a saúde de Cícero só foi reestabelecida quando ele recebeu a notícia da morte de Sila, deixando claro que o mal que o acometia era causado pelo medo:

Mas agora lhe foi comunicado que Sila estava morto, e uma vez que seu corpo, fortalecido pelo exercício, adquiria um hábito vigoroso, enquanto sua voz, adquirindo modulação, tornara-se agradável ao ouvido e moderada em manter o hábito de seu corpo¹³ [...] (*Plut. Cíc. 4, 3*).

O aretino relata o ocorrido da mesma maneira que Plutarco. No entanto, zela pela imagem de Cícero, pelas suas virtudes, e adiciona ao texto a informação da idade que Cícero tinha ao enfrentar Sila. Assim ele pretendia mostrar que aquele foi um ato de coragem dada a sua pouca idade: “dizia-se que

12 δεδιῶς δὲ τὸν Σύλλαν ἀπεδήμησεν εἰς τὴν Ἑλλάδα, διασπείρας λόγον ὡς τοῦ σώματος αὐτῷ θεραπείας δεομένου. καὶ γὰρ ἦν ὄντως ἰσχνὸς καὶ ἄσαρκος, ἀρρωστία στομάχου μικρὰ καὶ γλίσχρα μόνις ὀψὲ τῆς ὥρας προσφερόμενος: ἡ δὲ φωνὴ πολλὴ μὲν καὶ ἀγαθὴ, σκληρὰ δὲ καὶ ἄπλαστος, ὑπὸ δὲ τοῦ λόγου σφοδρότητα καὶ πάθος ἔχοντος αἰεὶ διὰ τῶν ἄνω τόνων ἐλαυνομένη φόβον παρεῖχεν ὑπὲρ τοῦ σώματος [...]. καὶ γὰρ ἦν ὄντως ἰσχνὸς καὶ ἄσαρκος, ἀρρωστία στομάχου μικρὰ καὶ γλίσχρα μόνις ὀψὲ τῆς ὥρας προσφερόμενος: ἡ δὲ φωνὴ πολλὴ μὲν καὶ ἀγαθὴ, σκληρὰ δὲ καὶ ἄπλαστος, ὑπὸ δὲ τοῦ λόγου σφοδρότητα καὶ πάθος ἔχοντος αἰεὶ διὰ τῶν ἄνω τόνων ἐλαυνομένη φόβον παρεῖχεν ὑπὲρ τοῦ σώματος:

13 “ἔπει δ’ αὐτῷ Σύλλας τε προσηγγέλθη τεθηκῶς, καὶ τὸ σῶμα τοῖς γυμνασίοις ἀναρρωννύμενον εἰς ἕξιν ἐβάδιζε νεανικὴν, ἢ τε φωνὴ λαμβάνουσα πλάσιν ἠδεῖα μὲν πρὸς ἀκοὴν ἐτέθηραπτο, μετρίως δὲ πρὸς τὴν ἕξιν ἤρμοστο τοῦ σώματος [...].”

essa foi a primeira causa que, na opinião pública, Cícero protagonizou, tendo vinte e três anos, como escreve Cornélio Nepo¹⁴ [...]” (BRUNI, *Vita di Cicerone*, p. 9). Não obstante, Plutarco é acusado por Bruni de oferecer dados maliciosos: o primeiro deles é a dúvida levantada sobre a origem de Cícero. O biógrafo grego expõe, detalhadamente, a origem familiar do orador, afirmando que

*Diz-se de Helvia, a mãe de Cícero, que ela nasceu bem e viveu uma vida honrada; mas de seu pai nada pode ser aprendido que não vá ao extremo. Pois alguns dizem que ele nasceu e foi criado em uma oficina de um pisoeiro, enquanto outros atribuem a origem de sua família a Tullus Attius, um ilustre rei dos volscoianos, que travou guerra contra os romanos com grande habilidade*¹⁵ (*Plut. Cic. 1, 1*).

Bruni prefere omitir esses detalhes e apresentar, com propriedade, o que para Plutarco é uma dúvida, a ascendência do rei Volco: “Da família dos Túlios, à qual, mais tarde, deu o sobrenome de Cícero, derivou suas origens do município de Arpino. E o princípio de seu sangue, por uma opinião muito constante dos homens, refere-se a Túlio, rei dos Volcos¹⁶” (BRUNI, *Vita di Cicerone*, p. 5).

Os acontecimentos que resultaram no exílio de Cícero foram motivo de triunfo e de

14 “Questa si disse essere stata la prima causa, la quale in giudicio pubblico Cicerone agito, essendo d’età di ventitre anni, come scrive Cornelio Nepote [...]”.

15 Κικέρωνος δὲ τὴν μὲν μητέρα λέγουσιν Ἑλβίαν καὶ γεγονέναι καλῶς καὶ βεβιωκέναι, περὶ δὲ τοῦ πατρὸς οὐδὲν ἦν πυθέσθαι μέτριον, οἱ μὲν γὰρ ἐν κναφείῳ τινὶ καὶ γενέσθαι καὶ τραφῆναι τὸν ἄνδρα λέγουσιν, οἱ δ’ εἰς Τύλλον Ἄττιον ἀνάγουσι τὴν ἀρχὴν τοῦ γένους, βασιλεύσαντα λαμπρῶς ἐν Οὐολούσκοις καὶ πολεμήσαντα Ῥωμαίοις οὐκ ἀδυνάτως..

16 Jua famiglia de Tullii, la quale dipoi pre se il soprannome di Cicerone, trasse l’origine dal Municipio Arpinate. E il principio del sangue suo per assai costante opinione degli uomini, si riferiva a Tullio re de’ Volsci.

humilhação para o orador romano, pois seus esforços para desmantelar a conspiração organizada por Catilina, assim como os decretos que criou em prevenção ao “terrorismo”, renderam-lhe o título de *Pater patriae*: “chamavam-no salvador da pátria, edificador da cidade, cônsul excelente, dizendo que deviam à sua virtude que estivessem vivos, tivessem filhos, mulher, liberdade e cidade”¹⁷ (BRUNI, *Vita di Cicerone*, p. 41).

Contudo, a determinação da execução dos seguidores de Catilina sem um julgamento foi o motivo oficial pelo qual, através de votação popular, ele fosse condenado ao exílio (BEARD, 2017, p. 100). Antes mesmo que a lei fosse aprovada, em 58 a.C., Cícero se retirou para a Grécia e lá permaneceu por 17 meses. Esse foi um período de sofrimento para o orador. Ele ficou então entregue à passionalidade e à irracionalidade, o que caracteriza uma vida antifilosófica. Do ponto de vista de Plutarco, tal atitude provém de uma autopiedade:

*Ninguém, porém, conseguiu insuflar-lhe coragem nem dissipar-lhe a tristeza. Semelhante a um amante infeliz, voltava, sem cessar, os seus olhares para a Itália. Humilhado, abatido pelo seu infortúnio, mostrou várias vezes fraqueza e pusilanimidade, o que não se podia esperar de um homem que passara a sua vida mergulhado no estudo*¹⁸ (Plut. Cic. 32, 4).

Para Bruni o episódio se trata de uma

17 Constui coloro chiamavano salvator della patria, edificatore dela città e consolo perfettissimo, dicendo che dalla virtù di costui egli vivevano, e che egli avevano i figliuoli, le moglie, la libertà, e la città.

18 πολλῶν δὲ φοιτῶντων ἀνδρῶν ὑπ’ εὐνοίας καὶ τῶν Ἑλληνίδων πόλεων διαμιλλωμένων πρὸς αὐτὰς ταῖς πρεσβείαις, ὅμως ἀθυμῶν καὶ περίλυπος διῆγε τὰ πολλά, πρὸς τὴν Ἰταλίαν, ὥσπερ οἱ δυσέρωτες, ἀφορῶν, καὶ τῷ φρονήματι μικρὸς ἄγαν καὶ ταπεινὸς ὑπὸ τῆς συμφορᾶς γεγωνὸς καὶ συνεσταλμένος, ὡς οὐκ ἄν τις ἀνδρα παιδεία, συμβεβιωκότα τοσαύτη προσεδόκησε.

preocupação com a excelência ética, dado que Cícero não olvida a sua terra e a sua natureza política. Segundo Bakogianni (2016, p. 115), os “textos clássicos são em geral incompletos, controversos, recuperados de uma variedade de fontes e reinterpretados por cada geração de estudiosos de Clássicas”. Assim, a recepção dos textos clássicos consiste em um diálogo permanente entre o leitor e a Antiguidade, mesmo que seja para expor uma opinião contrária à do texto de origem, como foi o caso de Bruni em relação a Plutarco.

Considerações finais

Auerbach (1972, p. 11) na obra *Introdução aos estudos literários* afirma que “a necessidade de construir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual”. Essa assertiva reafirma o constante diálogo entre o leitor e a obra, ou entre o leitor e determinado período da história e também o dinamismo que há entre esses elementos. Essa interação traz novos olhares, pois o texto é interpretado de uma nova maneira a cada leitura.

A teoria da recepção, mais precisamente na recepção dos clássicos, é de grande importância, dado que o que se tem de vários dos textos clássicos são visões alteradas e fragmentadas, o que dificulta o trabalho do pesquisador. A recepção não se concentra na forma canônica do texto, mas sim nas diversas leituras possíveis. Não há um lado certo ou errado, apenas interpretações distintas.

Sempre haverá opiniões que priorizem um texto em detrimento de outro. Contudo, quando lemos as biografias escritas por Plutarco e Bruni, não é possível dar rótulos, visto que são olhares diferenciados que trazem

consigo a marca dos autores e da época em que as suas obras foram produzidas.

O próprio Bruni foi crítico da obra Plutarco e essa crítica o levou a criar uma nova versão, com novos elementos e, consequentemente, uma nova fonte de pesquisa. Isso é a recepção! Entretanto, ainda que haja críticas e ressalvas de Bruni quanto à biografia produzida por Plutarco, é fato que os escritos plutarqueanos, inclusive a biografia de Cícero, influenciaram e continuam influenciando intelectuais de todas as épocas. De fato,

Montaigne considerou-o o breviário da sua época e Shakespeare nele se inspirou para a composição das suas grandes tragédias romanas e a partir de então não mais deixou de ser um ponto de referência. E os valores que Plutarco nos transmitiu continuam hoje de grande atualidade e seriam muito úteis se transpostos para a prática política e social (FERREIRA, 2003, p. 8).

Quanto à credibilidade teórica de ambos os biógrafos, é possível dizer que eles utilizaram da melhor maneira a liberdade dada pelo gênero literário biografia e produziram textos que ressaltam vícios e virtudes das personagens em questão, acrescentando a essas *bioi* aspectos de suas próprias épocas. A crença na abordagem historicista sempre existirá, contudo, a sua prática não faz justiça ao sentido da história por eles defendida. Os excertos apresentados podem ser considerados, como disse Halbwachs (2003, p. 29) “o primeiro testemunho que podemos recorrer é o nosso”. Isso nos diz que é através da leitura que o leitor ocupa os vazios deixados com as suas próprias interpretações.

Referências

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

BAKOGIANNI, Anastasia. O que há de tão clássico na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v.4, n.1, 2016, p. 114-131.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BEARD, Mary. *SPQR: Uma história da Roma Antiga*. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta, 2017.

BRUNI, Leonardo. *Vita di Cicerone fatto in volgare Toscano*. Co’ Tipi Bodoniani, 1804.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

FEENEY, Denis. Criticism Ancient and Modern. In: DOREEN, Innes; HINE, Harry; PELLING, Christopher (Eds.). *Ethics and Rethoric: Classical Essays for Donald Russel on his seventy-fifth birthday*. Oxford: Clarendon Press, 1995. P. 301-312.

FERREIRA, José Ribeiro; LEAO, Delfim Ferreira (Coord.). Os fragmentos de Plutarco e a recepção da sua obra [atas do colóquio realizado em Coimbra em 27 e 28 de setembro de 2002]. *Separata da Humanitas*, Vol. LV – MMIII, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2003.

FIALHO, Maria do Céu. Philanthropia e Philautia no Teseu de Plutarco. In: SOARES, Carmen; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu. *Ética e Paideia em Plutarco*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. p. 3-9.

FRYDE, E. B. The Beginnings of Italian Humanist Historiography: The “New Cicero” of Leonardo Bruni. *The English Historical Review* 376, p. 533-552, 1980. [Publicado também em *Humanism and Renaissance Historiography*. London: The Hambledon Press, 1983. p 33-53]

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.

JAEGER, Werner. *Paideia: A formação do homem*

grego. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aethesis e katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (Org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-82.

LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. *História social e subjetividade: considerações em torno da biografia*. Trabalho apresentado no XII Encontro Nacional de História da ANPUH. Campinas, 1994.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *The development of greek biography*. Cambridge: Cambridge University, 1993.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*, Tradução de Rosa Freire, São Paulo: Companhia das letras, 2010.

PINHEIRO, Joaquim. *Tempo e espaço da Paideia nas vidas de Plutarco*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

_____. *Roma nas Vidas Paralelas de Plutarco*. In: OLIVEIRA, Francisco de; TEIXEIRA, Cláudia; DIAS, Paula Barata (Coord.). *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e heranças contemporâneas*, Vol. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. p. 237 – 245.

PIRES, Francisco Murari. *Modernidades Tucidi-deanas* (ktema es aei), Tomo I, Vol. I. São Paulo: Edusp, 2007.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Alexandre e Júlio César*, Tradução de Carlos Chaves, Porto Alegre: EDAMERIS.

_____. *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*, Tradução do grego, introdução e notas de Marta Várzeas, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

_____. *Vidas Paralelas: Paulo Emílio e Timoleón*, Tomo II, Introdução, tradução e notas de Aurélio

Pérez Jimenez e Paloma Ortiz. Madrid: Gredos, 2006.

_____. *Plutarch's Lives*. with an English Translation by. Bernadotte Perrin. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heine- mann Ltd. 1919. 7

_____. *Plutarch's Lives*. with an English Translation by. Bernadotte Perrin. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heine- mann Ltd. 1918. 6

SILVA, Ana Cláudia Salomão da. Observações sobre a aplicação da metodologia da estética da recepção a Helena, de Machado de Assis. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 3, ano 10, n. 14, 2014. P. 1-17.

SILVA, Gladys José da; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs.). *A ideia de história na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017.

SIRINELLI, Jean. *Plutarque de Chéronée: Un philosophe dans le Siècle*. Paris: Fayard, 2000.

SOARES, Nair Castro. Plutarco no humanismo renascentista em Portugal. In: PINHEIRO, Joaquim; FERREIRA, José Ribeiro; SOARES, Nair Castro; MARNOTO, Rita. *Caminhos de Plutarco na Europa*, 2 ed., Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, p. 9-51.

TAKADA, Yasunari. *Leonardo Bruni's Cicero novus*, European studies. The proceedings of the desk, 2001, p. 65-79.

VÁRZEAS, Marta. Introdução. In: PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*, Tradução do grego, introdução e notas de Marta Várzeas, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 11-31.

Recebido em: 27/07/2023

Aprovado em: 12/10/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.